

A arbitrariedade do signo nas línguas de sinais: entre a iconicidade e o princípio saussuriano

The arbitrariness of the sign in sign languages:
between iconicity and the saussurian principle

Tiberio Teylon dos Santos Correia¹
Aldir Santos de Paula²

Resumo: O advento das pesquisas em línguas de sinais vem levantando muitas questões relativas ao funcionamento dessa modalidade de língua, bem como propondo novos olhares para questões que se achavam encerradas. Nesse cenário, nossa pesquisa, de caráter bibliográfico, objetiva discutir o princípio da arbitrariedade do signo nas línguas de sinais (LS), tomando como pressupostos teóricos os promulgados por Ferdinand de Saussure (2012 [1916]), para contrapô-los à noção de iconicidade. Levantamos como hipótese que essa iconicidade, que se apresenta como característico das línguas de sinais, é apenas “aparente,” ou seja, que o signo também é arbitrário nestas línguas. Para verificar nossa hipótese, trouxemos o Curso de Linguística Geral de onde vem a noção de arbitrário, seguido por pesquisas em diversas áreas relativas às línguas gesto-visuais que tratavam da questão icônica e forneciam dados empíricos para a construção de nosso trabalho. Em nossa reflexão, pudemos encontrar indícios de que nossa hipótese se mantém firme e que as línguas de sinais possuem a propriedade arbitrária comum às línguas naturais.

Palavras-chave: Línguas de sinais. Arbitrariedade. Iconicidade. Signo. Saussure.

Abstract: The advent of research into sign languages has raised many questions about the functioning of this language modality, as well as proposing new ways of looking at issues that were thought to be closed. In this scenario, our research, of a bibliographical nature, aims to discuss the principle of arbitrariness of the sign in sign languages (LS), taking as theoretical presuppositions those promulgated by Ferdinand de Saussure (2012 [1916]), to contrast them with the notion of iconicity. We hypothesize that this iconicity, which is characteristic of sign languages, is only "apparent," in other words, that the sign is also arbitrary in these languages. In order to verify our hypothesis, we took a look at the General Linguistics Course from which the notion of arbitrary comes, followed by research in various areas related to gestural-visual languages that dealt with the iconic issue and provided empirical data for the construction of our work. In our reflection, we were able to find evidence that our hypothesis holds firm and that sign languages possess the arbitrary property common to natural languages.

Keywords: Sign languages. Arbitrariness. Iconicity. Sign. Saussure.

¹ Universidade Federal de Alagoas, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Maceió, AL, Brasil. Endereço eletrônico: teylont@hotmail.com.

² Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Maceió, AL, Brasil. Endereço eletrônico: tapu@uol.com.br.

Introdução

O desenvolvimento dos estudos da linguagem trouxe novas questões para os linguistas, bem como novos olhares para antigas questões. Nesse entremeio, vemos firmar-se pesquisas relacionadas às línguas gesto-visuais, campo esse muito profícuo na atualidade. Pichler (2012) nos diz que:

Há apenas algumas décadas, a tarefa de ler tudo o que foi escrito sobre a aquisição da língua de sinais ainda era razoavelmente manejável. Hoje, com o estabelecimento de novos programas de pesquisa de sinais em todo o mundo, a lista de artigos publicados sobre aquisição de sinais (para não mencionar teses e dissertações não publicadas) ultrapassou em muito as habilidades até mesmo do leitor mais assíduo. (Pichler, 2012, p. 647, tradução nossa)³

Conforme a autora, a produção de trabalhos relacionados às línguas de sinais — LS — cresceu tanto em poucas décadas que se atualizar sobre tudo o que se pesquisa nesta área tornou-se impossível. O interesse e, conseqüentemente, o avanço neste campo pode ser entendido pela própria inserção de pesquisadores surdos na linguística.

Um percentual significativo das pesquisas, nesta área, busca demonstrar que as línguas de sinais possuem o mesmo *status* das línguas orais, buscando encontrar naquelas características semelhantes a estas. Lillo-Martin (2006) elabora um quadro geral de pesquisas nesse seguimento e destaca entre elas as que traçam um paralelo entre a aquisição de línguas gesto-visuais e línguas orais, o que, segundo ela, tem a função de mostrar que “as línguas de sinais são línguas naturais completamente desenvolvidas, *merecendo, portanto, todos os direitos associados às demais línguas naturais completamente desenvolvidas*” (Lillo-Martin, 2006, p. 191, destaques nossos). Para estabelecer as diversas línguas de sinais como naturais, tencionou-se, em parte, evocar princípios de teorias clássicas como a chomskyana e a saussuriana — que tratavam prioritariamente de línguas orais — como uma forma de *validar* essas línguas, uma vez que teorias como a de Chomsky (2005) visavam características universais de língua, ou seja, se é natural precisar ter determinados princípios.

Uma das discussões levantadas pelos pesquisadores nessa jornada pelo reconhecimento das LS como línguas naturais foi o princípio da arbitrariedade do signo, promulgada por Ferdinand de Saussure em 1916, época do lançamento da obra póstuma *Cours de Linguistique Générale* — CLG, organizada por seus discípulos Charles Bally e Albert Sechehaye. Esta proposição de Saussure a priori seria um ponto negativo para as LS, uma

³ “Only a few decades ago, the task of reading everything written about sign language acquisition was still reasonably manageable. Today, with the establishment of new sign research programs all around the globe, the list of published articles on sign acquisition (not to mention unpublished theses and dissertations) has far outstripped the abilities of even the most assiduous reader”.

vez que contrastava com outro princípio muito conhecido nos estudos das línguas gesto-visuais que é a iconicidade.

Considerando as reflexões acima, objetivamos, neste artigo, discutir o princípio da arbitrariedade do signo nas línguas de sinais, a partir de uma visão saussuriana de língua, contrapondo-o à noção de iconicidade, considerada tão presente nas LS.

Nossa hipótese é de que essa iconicidade é apenas aparente, prevalecendo sobre as línguas de sinais a propriedade arbitrária do signo linguístico. Para responder a essa hipótese, partiremos da teorização saussuriana expressa no CLG. Não menos necessários serão os dados trazidos pelas pesquisas que já vêm sendo feitas na área a respeito de léxico, aquisição, morfologia, etc.

Os trabalhos selecionados para este artigo tiveram o seguinte critério: para tratar da arbitrariedade, trouxemos comentadores renomados de Saussure, como Émile Benveniste — seu herdeiro teórico — e Simon Bouquet, notável pesquisador dos manuscritos saussurianos. Já para tratar da iconicidade e extrair dados para discussão, buscamos autores que tomassem a propriedade icônica como natural às línguas de sinais, pois, uma vez que a teoria seleciona o dado, queríamos partir de exemplos que objetivassem demonstrar a iconicidade da língua, para, então, contrastá-los com o princípio da arbitrariedade.

Este artigo, além da introdução e referências bibliográficas, se divide em mais sete sessões. Primeiro falaremos da natureza do signo linguístico, retomando o princípio da arbitrariedade. Em seguida falaremos sobre a iconicidade, tal qual é teorizada entre os linguistas da área, buscando delinear o desenvolvimento dessa discussão e a sua importância para as LS. Logo depois, discutiremos a arbitrariedade nas línguas de sinais contrapondo esses dois princípios para chegar, enfim, às nossas considerações finais.

Esperamos que esse trabalho possa esclarecer como a teoria saussuriana atua na modalidade de língua gesto-visual e, assim, contribuir para o arcabouço teórico estabelecido na linguística teórica.

A natureza do signo linguístico

Para que possamos discutir com propriedade a questão da arbitrariedade do signo nas LS é mister compreender o que Saussure (2012) estava a propor ao falar sobre isso. No primeiro capítulo da primeira parte do CLG, o linguista genebrino nos apresenta o chamado signo e da mesma forma apresenta dois princípios ligados a ele, a saber, o princípio da arbitrariedade do signo e o princípio do caráter linear do signo, sendo o primeiro deles o que vai interessar para a nossa discussão.

Ao rejeitar a ideia de que a língua seria uma lista de nomes, Saussure a define como um sistema de signos. Para ele, signo designa um conceito e uma imagem acústica, a que vai chamar significado e significante respectivamente. Em seguida, o mestre genebrino nos

diz que a relação entre significado e significante é arbitrária, isto é, não existe laço natural entre eles, o que une ambos não é algo motivado.

Para exemplificar sua fala, Saussure (2012) nos diz que a ideia de *mar* não possui nenhuma relação natural ou motivada com a sequência de sons *m-a-r* e afirma ainda que “poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual; como prova temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes” (Saussure, 2012 [1916], p. 108). Como bem sabemos, na língua inglesa, o significante da ideia *mar* é a sequência *s-e-a*. Em uma mesma língua, como na língua portuguesa, podemos pensar em sequências de sons diferentes que servem de significante para *mar* como é o caso do *r* retroflexo e também do vibrante que ocorre em algumas regiões do Brasil. Com isso, o linguista nos mostra que a relação significado/significante é arbitrária, quer dizer, imotivada, não natural. Igualmente arbitrária é a relação do signo com o objeto no mundo, sendo assim, o signo *mar* tem relação totalmente imotivada com o mar que existe fora da língua, isto é, na realidade. Aliás, esta realidade só pode ser acessada pela linguagem. Como explica Fiorin (2003), as realidades do mundo são organizadas pela língua. Esta, contudo, é um sistema que tem sua autonomia e não corresponde termo a termo com o que está no mundo.

O signo, nos diz Saussure (2012), não funciona e nem deve ser visto como um símbolo, pelo fato deste não ter uma relação totalmente arbitrária com o objeto no mundo. O símbolo é motivado e não poder ser substituído por qualquer coisa, como nos mostra ao ilustrar com o exemplo da balança como símbolo da justiça, que não poderia ser substituída por um carro. Disso temos inúmeros exemplos como a Cruz para os cristãos, ou a Estrela de Davi, para os judeus, ou mesmo a Suástica para os nazistas. Quem não faria uma imediata relação entre o nazismo e uma pessoa usando uma suástica em sua roupa ou como adorno? Assim sendo, o símbolo e o objeto no mundo que ele representa possuem uma relação motivada, não se assemelhando ao que acontece com os signos linguísticos.

Ainda refletindo sobre o signo, o autor do *Cours* fala a respeito de sua imutabilidade e mutabilidade. O signo é imutável no sentido de que a massa falante não pode alterá-lo de forma deliberativa. Mesmo sendo a língua um produto social, não pode ser vista nem comparada “a um contrato puro e simples” (Saussure, 2012, p. 111), pois tudo na língua está atado à própria língua. Por exemplo, tratando-se do português brasileiro, não poderíamos simplesmente combinar que o signo de cadeira seria agora substituído por outro qualquer como BOLT — inventamos isso neste momento — destarte não funcionaria já que a língua não se apresenta desta maneira. Quanto à mutabilidade, temos na teoria saussuriana que os signos linguísticos são passíveis à mudança quer seja na matéria fônica, quer seja nas ideias. Isso acontece pela ação do tempo agindo justamente pelo princípio de arbitrariedade que permite esse deslocamento tanto do significado quanto do significante. Saussure (2012) chega a dizer que “uma língua é radicalmente incapaz de se defender dos fatores que

deslocam, de minuto a minuto, a relação entre o significado e o significante. É uma das consequências da arbitrariedade do signo” (Saussure, 2012 [1916], p. 116). Conforme o autor, tudo está sujeito à ação do tempo, inclusive a língua.

As noções de imutabilidade e mutabilidade parecem contraditórias na teoria saussuriana, tanto que mereceram uma nota explicativa dos editores do CLG:

Seria injusto censurar a F. de Saussure o ser ilógico ou paradoxal por atribuir à língua duas qualidades contraditórias. Pela oposição de dois termos marcantes, ele quis somente destacar uma verdade: que a língua se transforma sem que os indivíduos possam transformá-la. Pode-se dizer também que ela é intangível, mas não imutável⁴ (Saussure, 2012 [1916], p. 115).

Quando mergulhamos numa leitura atenta do CLG, podemos claramente perceber que as contradições das noções mencionadas acima são tão somente aparentes, uma vez que cada ideia reflete uma característica diferente — contudo existente — da língua.

Saussure (2012) defende essas duas características da língua de tal forma que chega a dizer que até mesmo nas línguas artificiais podemos contemplar este fenômeno. “Quem cria uma língua”, diz ele, “a tem sob domínio enquanto ela não entra em circulação; mas desde o momento em que ela cumpre sua missão e se torna posse de todos, foge-lhe ao controle” (Saussure, 2012 [1916], p. 16-17). Ele nos dá como exemplo o Esperanto. Assim, temos a seguinte reflexão: se o Esperanto funcionar e passar a circular realmente, conforme nos diz o autor, não escapará do que ele nomeia de *lei fatal*, e, sendo assim, seus criadores perderão o domínio sobre ela, e a ideia de unificação de povos pela língua vai se distanciar um pouco mais, contudo se eles não perderem o domínio sobre ela é sinal de que falhou e será só uma ideia bonita.

É importante destacar que, sendo a língua um fato social para Saussure (2012), a arbitrariedade do signo é algo fundamental à língua e está atado, justamente ao coletivo. Normand (2009, p. 69-70) explica que “o signo só é arbitrário porque é social, imposto por regras que ninguém pensa em discutir”. A partir daqui podemos já tirar duas importantes conclusões: a) a arbitrariedade e a iconicidade são fenômenos que se excluem quando tratamos de língua e, b) o fato de a língua ser social fortalece a arbitrariedade e, ao mesmo tempo, parece impossibilitar que o icônico se estabeleça na língua.

A crítica benvenistiana e o laço necessário

A natureza arbitrária do signo linguístico foi questionada por Emille Benveniste em sua obra *Problemas de Linguística Geral* (2005). Ali, Benveniste (2005) faz uma série de reflexões

⁴ Vale ressaltar que esta fala é, explicitamente, dos editores, isto é, Bally e Sechehaye, e não de Saussure.

para responder à questão: Em que consiste a arbitrariedade do signo? O primeiro ponto, nas reflexões do autor, elucidativo para nossa discussão, refere-se à relação significado e significante. Ao contrário do que se apresenta no CLG, quando Saussure (2012) fala que a ideia de *boi* tem uma relação arbitrária com seu significante, seu herdeiro teórico vai dizer que, na realidade, a relação que existe ali é necessária, pois:

O conceito “boi” (“significado”) é **forçosamente idêntico na minha consciência** ao conjunto fônico (“significante”) *boi*. Como poderia ser diferente? **Juntos os dois foram impressos no meu espírito**; juntos evocam-se mutuamente em qualquer circunstância. Há entre os dois uma simbiose tão estreita que o conceito “boi” é como que a alma da imagem acústica *boi*. (Benveniste, 2005, p. 55-56, destaques do autor em itálico e nossos em negrito).

Então o linguista nos fala da necessidade, isto é, do laço entre significado e significante que se faz necessário para que o signo cumpra sua função na língua. A parte que destacamos da citação acima é devido à sua proximidade com a questão da iconicidade. Benveniste fala sobre uma forçosa identificação entre significado e significante em sua consciência, bem como de uma impressão no espírito. De fato, para o autor, quando falamos em *boi*, por exemplo, não podemos ter outro significante que não esse. Na consciência do falante, há um laço perfeito e necessário para que um possa evocar o outro, isto é, para que significado e significante se unam no signo linguístico. Quando passamos para as línguas de modalidade gesto-visual essa impressão, essa forçosa identificação entre os elementos do signo vai se acentuar ainda mais, fazendo com que, de uma necessidade tão forte e evidente, a relação se apresente na forma de uma aparente iconicidade. Ainda assim, é preciso destacar que isto é um processo que acontece no falante e por isso falamos de uma iconicidade aparente — expressão que, aliás, vimos apresentando ao longo deste texto — pois, voltando a Saussure, não se trata de uma substância, mas de relações que se dão no próprio sistema que é a língua.

Continuando sua fala, Benveniste (2005, p. 56) dirá ainda que “o espírito só acolhe a forma sonora que serve de suporte a uma representação identificável para ele; se não, rejeita-a como desconhecida ou estranha”. Daí vem o termo *necessidade*, uma vez que o falante precisa, em seu espírito, ter uma relação identificável entre os dois elementos do signo, isto é, uma ideia e aquilo que ativa essa ideia em sua mente.

O arbitrário para Benveniste (2005) não está na relação significado/significante propriamente dita, mas sim no fato de que um signo possa ser aplicado a um elemento específico, mas não a outro. Aqui entra em jogo o real, a relação linguagem/mundo. O famoso linguista coloca para nós que essa relação é um problema

[...] transposto em termos linguísticos, [...] da relação entre o espírito e o mundo, problema que o linguista estará, talvez um dia, em condições de abordar com sucesso, mas que no momento fará melhor se o deixar de lado (Benveniste, 2005, p. 57).

Por isso, que um signo — considerado em sua totalidade — não se relaciona de outra forma senão arbitrariamente com o objeto no mundo. Conclui o autor que essa relação não cabe ao linguista, pelo menos por agora, responder.

Os trabalhos de Simon Bouquet (1997 e 2004) afirmam que a crítica de Benveniste (2005) não atinge o Saussure *original*. Este autor faz críticas ao CLG chegando a dizer que ali se encontra um *Pseudo-Saussure*, que o real linguista genebrino só se manifesta pelos manuscritos saussurianos. É pelos manuscritos que Bouquet (1997) defende que Saussure estava ciente dos problemas apontados por Benveniste, e que inclusive a questão da arbitrariedade seria um corolário da relação necessária entre significado e significante. No seu trabalho *Introdução à leitura de Saussure* (2004) Bouquet também insiste nessa questão de que a arbitrariedade não estaria bem representada na estrutura do CLG elaborada por Bally e Sechehaye (2012 [1916]).

Nos *Escritos de linguística Geral* (2012), vemos uma afirmação de Saussure em que ele menciona elementos relativamente arbitrários e outros absolutamente arbitrários nos deixando o encargo de saber como essas relações relativas e absolutas se dão. Podemos tomar uma parte dos Escritos, mais especificamente, retirada do manuscrito *Essência Dupla da Linguagem*, no qual podemos visualizar uma aproximação entre Saussure e Benveniste sobre o laço necessário:

A existência que se pode atribuir ao signo só está, em princípio, **na associação que o espírito faz dele com uma ideia**: por isso, podemos e devemos nos surpreender pelo fato de se tornar necessário conceder ao signo uma segunda existência, que não depende da ideia à medida que se avança no tempo (Saussure, 2012, p. 52, grifos nossos).

O autor deixa transparecer que também compreende que, para o falante, há uma relação entre o signo⁵ e a ideia. Contudo, essa relação é uma impressão do falante, que faz *tábula rasa* do passado da língua. Portanto, naquele momento, ou seja, na sincronia, não existe outra possibilidade, uma sequência de sons está ligada a uma ideia na mente do falante. Isto não muda a noção de que o signo é arbitrário, pois se assim não fosse, a língua não seria mutável.

⁵ Entenda-se, aqui, signo como significante. Nos manuscritos e também em algumas partes do CLG este termo não está englobando a entidade em sua totalidade, mas apenas uma parte dela.

A iconicidade em Saussure

Saussure (2012 [1916]) se ocupará exclusivamente das línguas orais. Ele mencionará brevemente o sistema usado pelos surdos para se comunicarem, mas não estava pensando nele como uma língua, mas como um recurso da linguagem, tais como os sinais marítimos. Portanto, não teremos no linguista genebrino reflexões diretas sobre as línguas de sinais, contudo, considerando que elas são línguas, possuem um sistema e, portanto, a teorização saussuriana terá também aplicação para elas.

Nós queremos destacar, neste tópico, o que o mestre genebrino abordou quanto ao que alguns tendem a chamar de iconicidade das línguas orais. Ela se daria por meio das onomatopeias, que são fenômenos comuns às línguas orais. Essa aparente iconicidade das línguas orais seria uma contestação da arbitrariedade do signo. O próprio Saussure tratou de responder a esta objeção afirmando que as palavras onomatopaicas não são uma contestação boa contra a arbitrariedade. O linguista explana sobre a escassez no léxico de palavras desse tipo e também aborda sua variação de uma língua para outra como, por exemplo, o latido do cachorro, o disparo de uma arma, o cantar do galo, que para cada língua terá um signo onomatopaico diferente para o mesmo objeto no mundo.

Saussure (2012 [1916]) também dirá — e isso é o que mais vai importar para a nossa discussão — que até as onomatopeias sofrem com a ação do tempo, acarretando mudanças, entre outras, morfológicas e fonológicas; e diz ainda que isso é uma “prova evidente de que perderam algo de seu caráter primeiro para adquirir o do signo linguístico em geral, que não é motivado” (Saussure, 2012 [1916], p. 109). Podemos concluir que, para o genebrino, o que é icônico desaparece na língua para dar lugar ao caráter geral do signo linguístico, que é o de ser arbitrário. Isso é essencial para que tal e tal onomatopeia se firme como signo linguístico de uma determinada língua.

A reflexão feita aqui quanto às ideias saussurianas relacionadas ao signo será retomada na terceira seção deste artigo, quando discutiremos como tudo isso funciona — quero dizer tudo que está ligado a arbitrariedade do signo — nas línguas de sinais.

Iconicidade e arbitrariedade nas línguas gesto-visuais

A propriedade icônica das línguas de sinais não é uma discussão que se iniciou há pouco tempo, no entanto, vem sendo cada vez mais debatida. Brentari (2012) atesta que muitas pesquisas nesse sentido vêm se desenvolvendo em diversas áreas da linguística tais como linguística cognitiva, semiótica e funcionalista. Também, segundo a autora, vêm sendo realizadas pesquisas — não na mesma proporção das áreas anteriormente mencionadas — na fonologia das línguas de sinais articulada à questão da iconicidade.

Começemos então a definir, seguindo os estudiosos das línguas de sinais, o que seria essa propriedade icônica. Em que consiste iconicidade nas LS? Taub (2012, p. 389) diz que

uma definição simples seria “*signs that look like what they mean*”, o que poderíamos traduzir por “sinais que se parecem com o que significam”. Logo a autora dirá que tal definição não apreende satisfatoriamente a profundidade da propriedade icônica para as línguas gesto-visuais. Esse posicionamento tomado por ela e compartilhado por uma gama de linguistas dedicados a esse campo científico influenciará até mesmo no estudo da gramática dessas línguas.

Para compreendermos melhor a importância dada hoje à questão icônica das línguas gesto-visuais queremos retomar o que dissemos na introdução deste trabalho sobre buscar propriedades universais apontadas por autores clássicos para as línguas orais como uma forma de validação das LS, isto é, como uma forma de mostrar que elas são verdadeiramente línguas naturais. A arbitrariedade do signo era uma dessas propriedades que foram observadas. A teoria formulada por Saussure, discutida por nós nas seções anteriores, desde muito cedo se impôs como uma realidade incontestada, como nos diz Benveniste (2005). Segundo ele: “Toda afirmação sobre a essência da linguagem ou sobre as modalidades do discurso começa por enunciar o caráter arbitrário do signo linguístico” (Benveniste, 2005, p. 53). Dada a importância dessa característica para as línguas orais, como ela não poderia estar presente nas línguas gesto-visuais? Como essa modalidade de língua manifestava uma iconicidade ou iconicidade aparente, alguns linguistas tenderam a simplesmente ignorar essa discussão como nos confirma Xavier e Santos (2016, p. 62) apoiados por Taub (2012):

[...] alguns dos primeiros linguistas a investigar línguas sinalizadas se dedicaram a demonstrar a irrelevância da iconicidade, com o objetivo de aproximar essas línguas das línguas orais e, assim, defender seu estatuto de língua natural.

Diferentemente dos que a ignoraram, alguns procuraram justamente o oposto, isto é, evidenciar a manifestação da iconicidade nas LS de forma sistemática, sendo própria a essa modalidade de língua.

A posição teórica que vê iconicidade como parte integrante da modalidade gesto-visual prevaleceu sobre a que ignorava sua possível existência. Daí surgiram trabalhos que articulam iconicidade e gramática, afirmando que a primeira é regida pela segunda, assim nos apontam trabalhos como o de Klima e Bellugi (1979). Mendonça (2012, p. 61) constata que é pela noção de iconicidade que na relação gramática e cognição é possível a “classificação de membros de uma categoria segundo o seu grau de semelhança”. Também temos Taub (2012) e Brentari (2012) que, discorrendo sobre iconicidade, apontam para uma sistematicidade imposta, por assim dizer, pela língua.

De fato, seguindo esse viés teórico, a definição de iconicidade não cabe mais dentro daquilo que apresentamos no começo, ela passa a se definir assemelhando-se — não sei se

ironicamente — aos termos técnicos usados para as línguas de sinais. Assim passamos a encontrar na literatura de LS definições de iconicidade como: “Iconicidade refere-se ao mapeamento do domínio da fonte e da forma linguística⁶” (Brentari 2012 p. 38, tradução nossa). Ou ainda como “relação da forma com a função, sendo essa uma relação natural e motivada” (Mendonça, 2012, p. 61).

Em contrapartida à ideia de signo arbitrário proposta por Saussure (2012 [1916]), outro nome passou a ser evocado nos estudos em LS. Charles Sanders Peirce, filósofo e lógico norte-americano, contemporâneo ao mestre genebrino, que contribuiu com suas reflexões, sobretudo, para a semiótica, da qual alguns o veem como pioneiro ou fundador (Sercovich, 1973⁷ *apud* Peirce, 1974). Em sua teorização, Peirce (1974) fala sobre o signo icônico e sua visão é trazida para o estudo das LS como uma revisão da noção de arbitrariedade. Para o autor, na comunicação podem atuar no signo, da perspectiva do seu objeto, o ícone, o índice ou o símbolo (Nöth; Gurick, 2011). Wilson e Martelotta (2015) explicam a ideia de ícone em Peirce, dizendo que aquele possui:

[...] uma natureza imagística, apresentando, portanto, propriedades que se assemelham ao objeto a que se refere. A fotografia de um indivíduo, por exemplo, é uma representação icônica desse indivíduo, assim como o mapa do Rio de Janeiro representa a cidade. Assim, um ícone é qualquer coisa que seja utilizada para designar algo que lhe seja semelhante em algum aspecto. (Wilson; Martelotta, 2015, p. 73).

Notemos o percurso traçado pelos estudos em LS referente à iconicidade: o que antes era um problema para o reconhecimento delas como línguas naturais, agora era algo previsto para a modalidade; mais ainda, apontou-se para as línguas orais dizendo: nas línguas orais também há iconicidade. Como uma afirmação inicial, tem-se que o próprio Saussure (2012) admitiu isso pela existência das onomatopeias, embora, como apresentado anteriormente, Saussure explicará que estas não desabilitam a arbitrariedade do signo, sendo mesmo uma fraca objeção a este princípio.

Para alguns, as reflexões de Saussure não se aplicam às línguas gesto-visuais como afirma Brentari (2012, p. 39):

Saussure não estava errado, mas como baseou as suas generalizações nas línguas faladas, as suas conclusões estão baseadas em tendências de uma modalidade de comunicação que só pode utilizar a iconicidade de forma mais limitada do que as línguas de sinais”. (tradução nossa)⁸

⁶ “Iconicity refers to mapping of a source domain and the linguistic form”.

⁷ O texto de Sercovich a que nos referimos é uma apresentação de Charles Pierce que se encontra na versão em língua espanhola da obra *A ciência da semiótica*, de autoria deste último.

⁸ “Saussure wasn’t wrong, but since he based his generalizations on spoken languages, his conclusions are based on tendencies in a communication modality that can only use iconicity on a more limited basis than sign languages can”.

Traz-se, então, como explicação à questão da iconicidade a limitação das línguas orais. Meier (2006) também corrobora dessa opinião, quando diz que a iconicidade das línguas orais é limitada, em parte, devido a seus articuladores invisíveis, o que não acontece no caso das LS.

Queremos, ainda, acentuar que o conceito de iconicidade passou, pelo menos para boa parte dos linguistas que trabalham com as LS, a ocupar um lugar integrante na modalidade gesto-visual, seus efeitos na língua, entretanto, parecem não ser tão relevantes, como nos apontam algumas pesquisas provenientes dessa perspectiva teórica.

Em seguida, discutiremos a arbitrariedade do signo nas LS contrapondo-a à noção de iconicidade aqui discutida.

O princípio da arbitrariedade nas línguas gesto-visuais

Chegamos então à questão: Há arbitrariedade nas línguas de modalidade gesto-visual ou elas são regidas por outros princípios tais qual a iconicidade? Muitos trabalhos produzidos sobre LS tendem a optar pela noção de iconicidade em detrimento da arbitrariedade como nos mostra Mendonça (2012, p. 62) ao justificar sua escolha trazendo uma fala de Wilson e Martelotta (2008), na qual dizem que:

A noção de arbitrariedade observa exclusivamente a relação existente entre o som e o sentido da palavra, já a noção de motivação ou iconicidade leva em conta o fato de o falante, de algum modo, fazer corresponder a forma da palavra com o significado que ela expressa.

A fala dos autores nos remete ao que apresentamos acima sobre as reflexões de Benveniste (2005), contudo precisamos nos ater a dois pontos importantes: i) O que foi destacado em sua obra sobre a impressão no espírito do falante. O fato de haver uma impressão de laço entre significado e significante não implica que realmente haja um laço natural. O falante faz, como dizem os autores acima, de algum modo corresponder a ideia e o som que lhe serve de significante. Se o falante faz corresponder, então esse laço não existe, é uma impressão necessária para que o falante possa evocar esses elementos em sua totalidade, ou seja, no signo linguístico. ii) Voltamos ao termo necessidade, que conforme Bouquet (1997) está relacionado à arbitrariedade. Com isto temos que a ideia de correspondência que o falante — acrescentamos agora o usuário de língua gesto-visual — faz entre significado e significante não nos tira do terreno saussuriano da arbitrariedade.

Posicionando-nos no terreno da arbitrariedade, passemos agora a discutir alguns dados extraídos de pesquisas na área de LS sobre iconicidade. Taub (2012) analisando as línguas de sinais chinesa, dinamarquesa e americana diz que todas possuem signos icônicos

para *árvore*, no entanto não se trata do mesmo signo. Ela diz que nas três línguas há uma configuração de mão diferente.

Figura 1 – Sinal para *árvore* em línguas de sinais brasileira, dinamarquesa, americana e chinesa respectivamente



Fonte: <https://spreadthesign.com/pt.br/search/>.

Na figura acima, acrescentamos também o sinal para *árvore* em LIBRAS. Percebe-se que nas quatro línguas temos uma estrutura aproximada — com exceção da chinesa que se distancia da configuração de mão das outras —, mas que diferem entre si. Sabendo que em línguas de sinais, a expressão facial pode também fazer parte do sinal, vemos que na língua dinamarquesa há uma inserção desse elemento⁹, o que não parece ter tanta relevância nas demais. Apontamos essas diferenças para enfatizar a comparação que Saussure faz, nas línguas orais, sobre o significante *mar*; É possível enxergar também nas línguas gesto-visuais que não é o mesmo, ou seja, temos signos diferentes para sistemas diferentes devido a arbitrariedade, não havendo relação natural entre o objeto *árvore* com qualquer um dos três signos. Taub (2012) Explica isso, afirmando que a iconicidade motiva, mas não determina a forma do signo. É interessante destacarmos aqui que mesmo a autora, aceitando a hipótese de iconicidade, não descarta uma certa arbitrariedade na seleção de itens lexicais e sublexicais.

Esses sinais considerados icônicos não variam apenas de uma língua para outra, mas também numa mesma língua. Temóteo (2008), pesquisando a variação existente numa comunidade surda do interior da Paraíba, enfatizou que os sinais icônicos eram muito usados pela comunidade em questão, ao mesmo tempo, em que nos fala sobre a variação de alguns desses sinais em meio aos surdos pesquisados. O sinal para *caçaça*, por exemplo, tinha quatro variações naquela comunidade, sendo que, segundo a autora três das variações eram icônicas, duas delas remetendo à dose servida no bar e uma à garrafa da bebida. Ela também nos oferece outros exemplos de sinais icônicos que variam:

Na pesquisa de campo, foram encontradas três variações linguísticas para o sinal de *camisinha*. O primeiro sinal é icônico porque remete a embalagem, um segundo sinal lembra uma *camisinha* “cheia de ar” e o outro se refere à

⁹ Infelizmente a imagem não pode captar com total fidelidade a configuração, mas, como se pode ver no dicionário de línguas de sinais, no link disponível na fonte da imagem, há uma mudança no rosto ao fim da configuração de mão.

elasticidade da camisinha. Um exemplo que retrata perfeitamente como a iconicidade dos sinais se apresenta é o sinal de (sic) feito para desodorante, em que quatro variações foram identificadas quanto ao tipo de cada desodorante: aerossol (sic), spray, rolón, e em creme (Temóteo, 2008, p. 122, destaques da autora).

Era de se esperar que o sinal icônico, já que é motivado, não arbitrário, não desse brechas para variação, mas tais quais as línguas orais, as línguas gesto-visuais variam, inclusive nos sinais considerados icônicos. Essa iconicidade aparente também não foi significativa para as pesquisas em aquisição da linguagem como nos demonstra Pichler (2012) descartando a hipótese de que, pelo fato das línguas de sinais serem icônicas, as crianças na fase de aquisição teriam a tendência de produzir sinais mais icônicos do que os produzidos por um adulto usuário da língua de sinais. As pesquisas demonstraram que não há uma influência considerável na fase de aquisição quanto à iconicidade, pois a maior parte das crianças avaliadas tiveram seus sinais classificados como nem mais, nem menos icônico em relação aos produzidos por um adulto.

Taub (2012) nos diz que iconicidade não implica em transparência, ou seja, que o signo sinalizado não tem uma representação evidente de seu objeto no mundo. Para evidenciar isso, ela apresenta os resultados de Hoemann (1975) e Klima e Bellugi (1979) que ao colocarem ouvintes para tentar compreender sinais icônicos de uma língua gesto-visual notaram a imensa dificuldade desses ouvintes em descobrir de que se tratava o sinal apresentado. Nós mesmos pudemos perceber isso ao vermos pela primeira vez os sinais em LIBRAS para homem e mulher. O sinal daquele nos remeteu a uma barba, mas o desta não nos trouxe qualquer lógica que nos fizesse associá-lo com mulher. Posteriormente, foi-nos explicado que o sinal remetia a *sem barba* e parecia algo como o movimento de tirar a barba. A questão é se há mesmo uma iconicidade aí, se há uma representação direta ou indireta do objeto no mundo ou se o que, realmente, existe é a sensação de que eu só posso usar esse sinal e não outro para tal ideia, assim como acontece nas línguas orais.

O intuito de Taub (2012) em trazer essas pesquisas era provar que a propriedade icônica dessa modalidade de língua não produzia uma relação de representação tão evidente a ponto de um não usuário saber do que se trata. O dado trazido por ela nos leva justamente a questionar essa propriedade icônica, pois, nas discussões suscitadas por essa questão, o termo iconicidade vai se delineando tão diferente que já não podemos dizer que se trata de um ícone.

Arbitrariedade x iconicidade

Pensemos agora nas línguas de sinais e na sua aparente propriedade icônica. Consideremos o que Saussure (2012) disse sobre as onomatopeias e seu funcionamento na língua, que vimos anteriormente, e convertamos para os signos ditos icônicos. Podemos

admitir em um primeiro momento que tais sinais tivessem uma propriedade icônica, contudo para que ele funcione no sistema que é a língua, ele precisa perder algo de seu caráter inicial para assumir as propriedades dos signos linguísticos, não sendo assim, não funcionará. Uma prova dessa inserção é a variação — como apresentamos acima — e a mudança linguística. O signo só vai variar e mudar porque faz parte do sistema, sendo assim os tais signos icônicos deixam essa iconicidade para serem imotivados, ou melhor, arbitrários, a partir daí só enxergamos uma relação pela atividade do nosso espírito em dar laço aos elementos do signo.

Para compreendermos melhor, pensemos nos sinais para *bispo*. Em um deles leva-se a mão direita à boca e a beija. Esse sinal pode designar tanto um bispo católico, — o que para nós poderia ser icônico, uma vez que faz referência à tradição de beijar o anel de sua mão — como um bispo protestante, — cuja tradição não tem respaldo¹⁰. Em outro sinal, faz-se acima da cabeça a forma de uma mitra — chapéu utilizado pelos bispos em celebrações especiais — o que remeteria especialmente aos bispos católicos. Já para designar a peça de xadrez *bispo* o sinal não é o mesmo. Com o punho direito fechado, faz-se com a mão esquerda aberta uma espécie de risco no punho fechado, o que poderia indicar a aparência da peça. De todo modo, podemos ter para bispo três sinais — ou mais conforme as variantes regionais — e um para a peça de xadrez. Essa representação gráfica que parece ter os signos das línguas gesto-visuais, vai se esvaindo para dar lugar a um arranjo particular do sistema, isto é, há um valor no signo que depende dos arranjos do sistema em relação a outros signos da mesma língua. A propriedade icônica dos sinais pode ser resgatada pela história, mas, analisando sincronicamente, temos signos que se aplicam de forma arbitrária ao objeto no mundo e na relação significado/significante o laço que se tem deriva exatamente da propriedade arbitrária da língua.

Nós podemos ainda pensar nos signos que são considerados não icônicos, como conversar, por exemplo, em que a mão direita serve de base, enquanto a mão esquerda desliza sobre a base. Esse sinal é considerado arbitrário por não ter nenhuma motivação aparente. É importante refletir sobre como pode haver sinais icônicos e não icônicos nas línguas gesto-visuais, sendo essa uma propriedade delas. Isto parece indicar, na realidade, que há nas línguas gesto-visuais, assim como nas orais, arbitrariedade absoluta e relativa. Esses sinais não icônicos podem ser frutos de mudanças no sistema, ou seja, algo que algum dia foi icônico hoje já não o é. Já os sinais que são considerados icônicos já estão mostrando que essa propriedade não está tão fixada, pois a própria variação demonstra isso. Saussure

¹⁰ Estamos pensando na tradição protestante do Brasil, cujas indumentárias características das hierarquias eclesiásticas foram rejeitadas, tendo seus pastores e outras autoridades vestes comuns. Contudo, é preciso ressaltar que o protestantismo europeu ou mesmo o americano conservaram muitas insígnias do catolicismo, como o anel pontifical, por exemplo.

(2012 [1916]) afirma que é a arbitrariedade que dá liberdade para estabelecer as relações entre ideia e matéria, o que podemos perceber também nessa modalidade de língua. O sinal, a iconicidade é, apenas, tomando um termo que Saussure usou para as línguas orais, um *invólucro material*. As relações semânticas que se estabelecem vão muito além da representação gráfica que eles aparentam.

Encerramos este tópico, lembrando a noção de sincronia. Quando tratamos do signo linguístico em toda a sua essência, estamos nos colocando no plano da sincronia e, portanto, não importa o que veio antes, pois o passado da língua é estranho ao falante. Trazemos isto para enfatizar que nenhum falante da língua, ao falar, fará reflexões sobre se a sequência de sons de *boi* corresponde à ideia e ao objeto no mundo. Da mesma forma, na LS, nenhum *falante* usará um signo pensando que está construindo uma representação icônica. Esses signos simplesmente existem, são heranças e, ao mesmo tempo, produto social, como nos diz Saussure, e funcionam para aquele momento da língua, ou melhor, pertencem aquele estado de língua.

Conclusão

Este trabalho se propôs discutir o princípio da arbitrariedade do signo contrapondo-o à noção de iconicidade nas línguas de sinais. Esta discussão não tem por objetivo encerrar este tema tão debatido por outros linguistas, como os citados ao longo deste texto, mas proporcionar uma reflexão partindo da teoria saussuriana ao encontro do que se teoriza a respeito das línguas gesto-visuais, ao mesmo tempo em que, sutilmente, contribuímos para os estudos que contemplam esta área em crescimento contínuo.

A posição teórica que tomamos em nossa reflexão é favorável à arbitrariedade do signo, o que se evidenciou pelos resultados da discussão, contudo reconhecemos uma iconicidade aparente, seguindo o pensamento de Benveniste (2005), *forçosa* em nossa consciência. Mais uma vez destacamos a palavra *aparente*, pois como vimos, quem está de fora do sistema linguístico em questão não fará relações tão evidentes entre sinal e objeto no mundo. Também podemos pensar numa iconicidade primeira de onde possa ter se originado o signo linguístico propriamente dito, sublinhando o fato dessa iconicidade desaparecer como condição necessária para sua entrada na língua.

Por fim, salientamos que a propriedade arbitrária presente nas línguas de sinais, como proposto neste trabalho, corrobora com a afirmação de que elas são de fato línguas naturais. Sendo assim, podemos afirmar que o campo da linguística, tratando-se em especial dessas línguas, tem um caminho ainda longo em teorização e análise.

Referências

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

BOUQUET, S. Benveniste et la représentation du sens: de l'arbitraire du signe à l'objet extralinguistique. **Linx**, n. 9, p. 107-122, 1997.

BOUQUET, S. **Introdução à leitura de Saussure**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

CHOMSKY, N. **Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

BRENTARI, D. Phonology. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (org.). **Sign Language: an International Handbook**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 21–54.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The signs of Language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

LILLO-MARTIN, D. Estudos de aquisição de línguas de sinais: passado, presente e Futuro. In: QUADROS, R. M.; VASCONCELOS, M. L. B. (org.). **Questões Teóricas das pesquisas em Línguas de Sinais**. Florianópolis: Arara Azul, 2006. p. 191–210.

MEIER, R. P. Modalidade e aquisição da língua: estratégias e restrições na aprendizagem dos primeiros sinais. In: QUADROS, R. M.; VASCONCELOS, M. L. B. (org.). **Questões Teóricas das pesquisas em Línguas de Sinais**. Florianópolis: Arara Azul, 2006. p. 211–225.

MENDONÇA, C. S. S. S. **Classificação nominal em Libras**: um estudo sobre os chamados classificadores. 2012. 171 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, 2012.

NORMAND, C. **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

NÖTH, W.; GURICK, A. A teoria da informação de Charles S. Peirce. **Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, São Paulo, 5 ed. p. 4–29, 2011.

PEIRCE, C. S. **La ciencia de la semiótica**. Buenos Aires: Nova Visión, 1974.

PICHLER, D. C. Acquisition. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (org.). **Sign Language: an International Handbook**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 646–686.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAUSSURE, F. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.

TAUB, S. Iconicity and metaphor. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (org.). **Sign Language: an International Handbook**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 388-412.

TEIXEIRA, V. G. A iconicidade e arbitrariedade na Libras. **Revista Philologus**, v. 20, p. 91-98, 2014.

TEMÓTEO, J. G. **Diversidade linguístico-cultural da língua de sinais do Ceará**: um estudo lexicológico das variações da Libras na comunidade de surdos do Sítio Caiçara.

2008. 167 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

WILSON, V.; MARTELOTTA, M. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

XAVIER, A. N.; SANTOS, T. A Iconicidade na criação de termos técnicos em Libras. **Revista Leitura**, Maceió, v. 1, n. 57, p. 60–103, 2016.

Sobre os autores

Tiberio Teylon dos Santos Correia

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4178-3190>

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Mestre em Letras e Linguística e graduado em Letras - Português pela mesma instituição. Professor do Governo do Estado de Alagoas.

Aldir Santos de Paula

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5783-4044>

Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), mestre em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e graduado em Letras pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Professor Titular da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (Ufal).

Recebido em março de 2024.

Aprovado em julho de 2024.